



VOZES da  
AGRICULTURA  
*ecológica*

*Capítulo 4*

HÉLIO QUILANTE  
E JANE MATTOS

Laércio Meirelles

janeiro, 2018



# Helio Quilante e Jane Matos



janeiro, 2018

— Quantas horas você trabalha por dia?

— *Oito, nove horas, não acho que trabalho muito.*

Ciente de que na Serra Gaúcha o trabalho nunca é em excesso, e que quanto mais se faz e mais se diz que faz, maior a valorização social, Hélio Quilante, 48 anos, complementa:

— *Já fui vítima da cultura do trabalho. Mudei. Além disso, gosto tanto do que faço que não sei onde termina o trabalho e começa a diversão.*

Estou no Sítio Palmará, na Capela São João, interior do município de Antônio Prado, na Serra Gaúcha. O lugar, a vista, as construções de madeira, o bom astral das pessoas trabalhando na lavoura ou processando geleias e sucos e, principalmente, a pequena varanda conectando a casa com o verde que a rodeia, lembra um pedaço do paraíso. Não tenho certeza, acho que nunca fui lá, mas o Sítio Palmará é uma boa referência de como o paraíso deveria ser. Sinto que o Hélio também pensa assim:

— *Gosto muito de morar aqui no sítio. Este cheiro, a calma, a segurança. Aqui é tudo muito tranquilo.*

Hélio Quilante começou a trabalhar com Agricultura Ecológica como sócio da pioneira Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado

(Aecia). Assim como outros da mesma associação, foi através da Pastoral da Juventude Rural (PJR) que ele teve acesso às informações que o estimularam a pensar uma outra maneira de fazer agricultura.

— *Nelson Bellé (agricultor, sócio fundador da Aecia) era nosso amigo e foi por ele que ouvi falar pela primeira vez em Agricultura Ecológica. Mas minha mãe já detestava veneno porque o pai ficou doente uns seis meses por uma intoxicação.*

Começamos a conversar e percebo que a história dos Quilantes não é diferente de outras desta região. A terra onde viviam e vivem está com a família desde 1885. A renda que tiravam da agricultura era baixa. Produziam uva, milho, tiravam leite, engordavam alguns porcos, vendiam algumas galinhas e ovos, eventualmente uma cabeça de gado.

Mas não era suficiente para mais do que manter o casal e seus cinco filhos.

— *Laércio, éramos muito duros, não tínhamos dinheiro nem para comprar um chinelo.*

Estudar, sonho acalentado pelo Hélio, nunca foi possível. Muitos anos mais tarde uma amiga, Joceli Veadrigo, colaborou para ele terminar o hoje denominado Ensino Fundamental.

— *Naquela época, valia muito pouco o produto agrícola. Dava só para se manter e olhe lá. Estudar ou viajar um pouco, nem pensar!*

— Sempre quis estudar, Hélio?

— *Sempre. Ainda hoje gosto muito de ler. Minha mãe, sabendo disso, queria que eu estudasse para ser Padre, mas meu pai não deixou porque precisava da minha ajuda para trabalhar.*

Com essa pressão toda por sobrevivência e na ânsia de dar uma vida melhor, do ponto de vista material, para sua família, natural que o pai do Hélio, Narciso Quilante, se sentisse atraído pelas novas tecnologias que prometiam aumentar a produtividade e gerar mais renda para os agricultores.

Esse canto de sereia vem sendo ouvido nos quatro cantos do mundo desde a metade do século passado, com o sedutor nome de Revolução Verde, que tem no norte-americano Norman Borlaug, membro da Fundação Rockefeller, uma espécie de pai. Por seus trabalhos na área ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Sua tese fundamenta-se na ideia da intensificação da agricultura baseada em adubos químicos industrializados e altamente solúveis, sementes ditas melhoradas, maquinaria pesada e pesticidas.

A mal denominada Revolução Verde mudou a cara milenar da agricultura em poucas décadas, por ser uma legítima demanda e atender a necessidades prementes do setor agrícola, dizem uns. Penso diferente. Minha percepção, e estou longe de ser o único, é que seu sucesso não se deu por atender uma necessidade da sociedade ou agricultura, mas para satisfazer interesses da indústria de insumos agrícolas. E através de uma estratégia bem pensada, baseada em quatro pilares. A mimetização de interesses de mercado das empresas em informações científicas, com boletins técnicos assinados por universidades ou instituições de pesquisa é um. A formação de um verdadeiro exército de engenheiros agrônomos e outros profissionais da área, ávidos por propagar as bondades dos adubos e agrotóxicos, por convicção intelectual ou por interesse econômico, outro. Por terceiro, um serviço programado para estender aos cantos mais longínquos do mundo a necessidade do uso desses produtos. E, por último, como golpe de misericórdia, disponibilizar recursos para os agricultores se modernizarem, eufemismo usado para comprarem venenos, tratores, semente e adubos, através do, também mal denominado, crédito rural.

Convencido das vantagens de começar a usar venenos ou adubos, o pai do Hélio foi confrontado pelas novas informações trazidas pelos cursos de Agricultura Ecológica de que seus filhos participavam. Informações que se contradiziam. A bem da verdade, técnicas que nascem de alguns princípios que são

preconizados pela forma mais ecológica de ver a agricultura não se limitam a uma contraposição ao proposto pela dita Revolução Verde. Algumas dessas técnicas vão também em sentido diferente a práticas culturais que vieram juntas com a imigração europeia, nesse caso, mais especificamente, a italiana. Pois é natural que junto às mudas de uva tenha vindo o conhecimento gerado através de séculos ao redor desse cultivo.

Vou tentar dar um exemplo. Quando a Agricultura Ecológica preconiza manter o solo coberto com vegetação não está apenas contrapondo-se ao uso de herbicidas, mas também a um *modus operandi* cultural. Nas condições em que a uva é produzida na Europa pode ser uma necessidade que os parreirais sejam mantidos limpos, sem vegetação cobrindo o solo. Dentre outras razões porque, com uma precipitação consideravelmente menor, a competição por água pode ser mais frequente naquelas condições. Na história da imigração italiana, as mudas de uva foram plantadas e manejadas em solo limpo, resultante do conhecimento a elas associado. Por cem anos, no caso da família Quilante. Com a chegada de uma informação que melhor seria que o solo fosse coberto com vegetação plantada ou espontânea, o choque cultural é iminente. A frase que ouvi do Sr. Narciso, lá pelos idos de 1992, é emblemática:

— *Passei a vida limpando o parreiral, agora vocês querem “inçá-lo” todo de novo?*

Esse assunto de deixar os cultivos um pouco mais “sujos”, ou em outras palavras, permitir um maior número de plantas espontâneas junto aos cultivos comerciais, é um dos pontos de mais difícil aceitação por parte das famílias agricultoras.

O que ocorreu com a Família Quilante, lá no início da década de 1990, demonstra bem isso. Em um dado dia, Hélio, suas três irmãs, Marisa, Neiva e Silvana e o caçula, Alexandre, saíram de casa. Foram passar a noite na casa de uma tia em Caxias do Sul. No dia seguinte, foram até a propriedade rural

que o Centro Ecológico mantinha e a equipe técnica vivia. Chegaram para dormir nos comunicando que só voltariam para casa se o pai permitisse que eles trabalhassem os parreirais sem veneno, da maneira que nós preconizávamos. Refizemo-nos do susto e atendemos a solicitação de pouso dos cinco irmãos. No dia seguinte, após conversarem conosco, eles foram negociar com o pai. Chegaram ao acordo que um dos parreirais da família seria cuidado pelos filhos e outro pelo pai, cada um à sua maneira. O Sr. Narciso teve que ceder. Imagino que parte por saudade, e parte por precisar da mão de obra dos cinco jovens para as lidas do dia a dia.

— *Acho que fizemos certo. Voltamos mais empoderados para casa, penso que foi melhor para todo mundo, para a família toda. Foi um caso de asilo ecológico!*

Fico refletindo que os cinco irmãos Quilante fazem parte desse grupo de jovens valorosos que não se limitam a repetir os pais. Quebram com o velho, buscando o novo. Aqui, o cantor poeta não encontra inspiração para dizer que sua dor é perceber que apesar de terem feito tudo que fizeram, ele e seus amigos ainda são os mesmos e vivem como seus pais.

Hélio conta que trabalhavam muito em casa. Ele diz que tudo que ouviram na PJR, nas palestras da Maria José e nas conversas comigo em sua casa os entusiasmaram a mudar a forma de produção. Além do parreiral, começaram uma bela horta da qual me recordo bem. Mas, ele diz, entusiasmou-se, mesmo, após a primeira vez que teve a chance de ir a Porto Alegre, na Feira dos Agricultores Ecologistas. Lembra-se, claramente, da motivação principal naquele momento:

— *Vi, ali, a chance de fazer dinheiro, muito dinheiro.*

Enquanto conversamos, vamos caminhando por parte da propriedade. Hoje, Hélio arrenda do pai terras que já foram do avô e do bisavô. Desde 1885, estão na mesma área. Comprou ainda três hectares para criar abelhas com recursos que vieram do trabalho com Agricultura Ecológica.

No parreiral vejo a terra coberta por vegetação e sorrimos ao lembrarmos juntos a história do “asilo ecológico” que o Centro Ecológico teve que dar para os irmãos. Ele fala rapidamente do seu manejo:

— *Gasto pouca energia para manter o mato baixo. A adubação verde de inverno fica alta, na primavera acamo ela, nem roço. No verão, quase não preciso manejar a vegetação. Em alguns anos, uso um pouco de esterco, calcário e fosfato. Pulverizo cinza fervida, gosto do resultado. E é muito boa minha produção de uva.*

Impressiono-me com a diversidade de tipos de uva que vejo. Fico sabendo que são cerca de 60 diferentes variedades. Algumas só três ou quatro plantas. Mês de janeiro, algumas destas variedades maduras... pensa em uma uva boa...

Enquanto como um belo cacho, interesse-me em saber como ele vende a uva.

— *As pessoas vêm aqui em casa comprar. Vizinhos, amigos, clientes de Antônio Prado, Caxias do Sul ou mesmo Porto Alegre. Colhem uva, compram outras frutas, mel, geleias, doces, sucos. Também nos visitam, conversamos, às vezes ficam um ou dois dias ajudando no trabalho da propriedade.*

Quero saber mais da comercialização.

— Vocês comercializam em feiras?

— *Já fizemos feiras em Porto Alegre, Caxias do Sul, Antônio Prado. Mas, em dado momento, ninguém mais da família quis ir para as feiras.*

— Como vendem?

— *Não temos problema de comercialização. Vendemos tudo que produzimos. Só de mel são dez toneladas por ano. Os clientes fazem pedidos por e-mail, telefone, facebook ou whatsapp, despachamos por transportadora para vários locais do país.*

— Vocês têm uma página na web?

— *Não, acho que nunca precisamos.*



Eles têm apenas uma funcionária. A Letícia, responsável por receber pedidos, despachar mercadorias, emitir notas, boletos, cuidar das contas a pagar e a receber.

Volto ao tempo ido. Relembramos que ele saiu da Aecia em 1992. Recordo-me que Hélio, representando a família, era muito empreendedor, muito focado em produzir e vender seus produtos. A essa característica atribuo uma certa incompatibilidade com outros membros que acabou levando-o a trilhar seu caminho e seguir sem o grupo.

— *Naquele ano que saí da Aecia estava com muito suco de uva estocado. Tivemos que criar um CNPJ para viabilizar a comercialização. O nome da nossa empresa era Família Quilante. Colocávamos os produtos em uma caminhonete e íamos vender. Caxias do Sul, Canela, Gramado, onde fosse preciso ir para vender, eu fazia o esforço para estar presente.*

Ele segue:

— *A sede de ganhar dinheiro era grande. Eu me joguei muito.*

Ouçó isso pela segunda vez e, de novo, quase posso ouvir um tom de confissão, como se fosse errado pensar em ganhar dinheiro para sair de uma vida de escassas possibilidades materiais. Sinto corroborada minha percepção quando ouço:

— *Hoje mudei, dinheiro não é mais minha prioridade.*

Ainda nos anos 1990, Hélio reencontra Jane. Conheciam-se do tempo de PJR, desde 1989, mas, namorar mesmo, só em 1996. Logo depois casam-se, constroem uma casa na propriedade e o trabalho segue, a partir dessa época com o nome de Sítio Palmará.

Jane é de Passo Fundo, mas veio ainda jovem morar com os pais em Antônio Prado, onde estudou e trabalhou até casar. Envolveu-se ativamente no trabalho. Eles têm quatro filhos, hoje já adultos. Bruno tem 22, Daniel 20, Brenda 19 e Lucas 18. Os mais velhos já cursando faculdade, os dois mais jovens, em vias de.

Diz a Jane:

— *Aqui foi um lugar privilegiado para educar os filhos, vê-los crescer. Laércio, tudo que você está vendo aqui foi construído por nós.*

De fato, a estrutura é impressionante. Além da bela casa de madeira, um galpão grande e a agroindústria, registrada e preparada para processar sucos, geleias, doces, molho de tomate, vinagres e mais. Jane continua:

— *Meus filhos participaram conosco o tempo todo. Eles tiveram uma infância belíssima. Nós sempre almoçamos juntos, sempre privilegiamos esse momento. E, agora, adultos, eles na mesa sempre lembram de histórias passadas.*

Pergunto a Jane se os filhos são remunerados pelo trabalho que fazem, se têm certa independência financeira.

— *Sim, eles têm salário. No fim do ano, se sobrar algo, ainda ganham um pouquinho mais. Para sermos justos, fazemos uma conta onde eles ganham por horas trabalhadas. Eles sempre estiveram juntos, se deixarmos eles sozinhos agora, já sabem fazer todo o trabalho.*

Ao longo desses vinte anos, além de trabalhar forte nas lidas da casa e na lavoura, Jane aventurou-se como dona de comércio em Antônio Prado. Obviamente, sempre de produtos ecológicos. Passou por conceitos diferentes de comércio, mais focado em vender produtos frescos e processados ou mais focado em lanches. Recentemente, decidiu voltar para a propriedade e afastar-se do negócio.

— *Cansei de ir todas as tardes para a cidade. Vou te dizer, Hélio está em um pique que é difícil acompanhar... Eu quero mais qualidade de vida, uma vida menos acelerada...*

Ouçõ-a e quase não acredito, pois a conheço e sei como é ativa.

— Jane, qual teu cotidiano?

— *Acordo cedo e, de manhã, cuido da casa. Cozinho para todos, gosto de preparar o alimento que minha família come. Quando sobra tempo, vou para a agroindústria. De*

*tarde ia para Antônio Prado, mas agora quero cuidar da produção de doces e geleias, é o que mais gosto. Sou também a representante da família nas reuniões da Rede Ecovida. Ontem, mesmo, passei o dia todo em Farroupilha.*

Pergunto à Jane pelos próximos anos.

— *Quero ficar aqui. Pretendo estudar mais, quem sabe fazer Psicologia.*

Hélio parece com o olhar distante quando diz:

— *A família está numa fase boa. Boas conversas.*

— E você, Hélio? Teu futuro?

— *Estamos nessa de passar para os filhos... e guardando um dinheirinho para viajar.*

Jane ri. Pergunto o porquê.

— *Ele diz que está passando para os filhos, mas os filhos dizem que podem ver o pai velhinho, caminhando lento, indo vê-los trabalhar e dando opinião, “se vocês fizessem assim ou assado, seria melhor...”*

Hélio complementa, também sorrindo:

— *Pode ser. Meu pai tem 83 anos e ainda trabalhando. É um cerne, vai longe.*

— E você não vai seguir os passos dele?

— *Acho que não tanto... estou preparando minha varinha de pesca... Mas Laércio, gosto tanto do que faço que me vejo no futuro ainda brincando com a agricultura.*

Gosto da expressão. Sim, é possível que trabalhar brincando seja a melhor maneira de trabalhar. Afinal, quem sabe se diverte...

